

Xadrez: 21... P5BR; 22) C x C_
T x C; 23) B x P ch_ R T; 24) P4TD

Areias, 23,10,1909

Rangel:

As minhas “batatas”, referidas em carta anterior, são: Congérie, Cábreá, Caramanchão (eu dizia carramanchão), Cérbero, epifânia, hábitat, hílare, homilía, homizío, dulía, hiperdulía, índigo, litanía, liturgía, mándria, mnemotecnia. Das mais não me recordo. Eu acentuava-as errado. Com exceção da terceira, nunca as empreguei na conversa; mas se viesse a emprega-las pronunciaria errado. Começo a perceber o meu relaxamento com o português. Quando calouro, furtaram-me um Aulete que fôra de meu pai e eu levava para S. Paulo, e desde essa ocasião (dez anos!) fiquei sem dicionário! De gramática sou a personificação da ignorância. Depois que me vi livre do exame, botei fora a infernal gramaticorra do Freire da Silva, que tanto me martirizou e me valeu uma bomba, e nunca tive comigo nem a gramatiquinha do Coruja. E estou convencido da inutilidade delas, como também pensa o rei dos gramáticos, o Candido de Figueiredo.

O exemplo que citei foi apenas para frisar a beleza da palavra própria. Talvez por simpatia minha, acho o *circunvag* mais próprio para designar o movimento *lento e circular* dos olhos em torno duma coisa do que o correr. Correr dá sempre a sensação de pressa. “O moribundo circunvagou os olhos”. Quando o movimento é rápido, então sim, cabe melhor o correr. “Corri os olhos pelo jornal”.

O *Jack* é bem o que dizes, romance otimamente bem arquitetado, bem travado. Ótimo como *modelo de fatura*. Purezinha, que o leu, me viu no tipo de D’Argenton, e quando briga comigo me chama D’Argenton... Que tristeza, Rangel!...

Não concordo com a tua ideia de que todo crítico é um *raté* da literatura, porque a crítica é um ramo da literatura para o qual certos sujeitos nascem com aptidões especiais. Olhe Taine, Sainte Beuve, Macaulay. Mas não deixa de ser certo que muitos críticos de segunda são literatos fracassados em outros generos. Sentem o prazer satânico de se suporem numa escada, e lá de cima cuspirem nos que passam pela rua. Prazer de juiz sentenciador_ mas juiz que se nomea a si próprio, não é nomeado pelo governo. Vingança, picuinha contra a Fatalidade. “Falhei no meu poema? Pois esperem que vou desancar todos os poemas alheios”. O Albalat me parece dos tais. Aquilo de só admitir Homero, e ir filiando um estilo a outro até chegar ao de Homero, aquilo me parece odio aos seus contemporaneos donos de estilo.

Has de notar a minha insistencia em *Bocatorta*, mas é que ainda não me fiz compreender. O meu conto com esse nome não dá plena ideia da *Ideia*, porque tive de poda-la muito, só deixando o essencial. A minha ideia completa é a

seguinte: um monstro hediondo no físico, mas homem de sentimentos normais por dentro. Afora a teratologia visível, ele é um homem como todos os outros. Não é negro, não é rudimentar de espírito como o do conto. Quando chegado á puberdade, nasce nele o desejo de mulher e em consequencia o amor. Mas ao mesmo tempo vai cada vez mais adquirindo a consciencia da sua horrivel condição de monstro, e ele, que em menino vivia na fazenda do pai de Cristina a vê-la todos os dias, ao tornar-se homem, e bem conhecedor da sua disformidade, entra a sofrer um martirio horrivel e afasta-se. Vira bicho do mato, foge dos homens; e os sentimentos normais que a natureza lhe deu, vão, por influxo duma surda revolta contra o Destino, se avinagrando. O amor por Cristina (resultante da sua sexualidade expandida) transforma-se em odio. Ele a espia do mato. Chora. Escabuja em acessos de colera epileptica. Pintar a vida dele na mata. Suas relações com a mata. Sua simbiose com a mata, mental e fisica. Amizade e antipatia por certas arvores (ha mil coisas a desenvolver aqui). Algo daquele Mowgli do Kipling. Ensejo de pintar a natureza florestal com cores novas e processos novos_ em que pese ao Albalat. Chateaubriandizar, mas com ciencia, com biologia, com botanica. A floresta deste país de florestas que é o Brasil *nunca* foi pintada, nem interpretada! Não temos nada *d'aprê natura* em materia de mata. Tudo é imaginado e tratado com receitas, com frases feitas_ e sem ciencia nenhuma. O grande triunfo de Euclides foi meter um pouco de ciencia na literatura. Os papuas arregalaram o olho! Lá de dentro da mata Bocatorta acompanha o movimento da fazenda. Tira conclusões. Induz, deduz. Recompõe em espírito a vida de Cristina, que ás vezes vê de longe, num passeio a cavalo. Chega a ir espia-la num dos seus banhos na cachoeira. Nua! O inferno do drama interior... Um dia passa o trole que vem da cidade, e no trole vem um moço desconhecido. Bocatorta adivinha nele o namorado, o noivo. Sua dôr. O ciúme. Contrastes constantes. Na fazenda a alegria radiosa do noivado; na mata, um circulo dantesco de impotencia e ciúme e desespero. Bocatorta desabafa nos animais, trucidando-os, tortura-os, esmaga as flores que encontra, gasta dias quebrando os brotos novos das arvores e ervas, na ansia de aniquilar a vida, de vingar-se da natureza, etc., etc. Depois, o casamento_ o macabro casamento de Cristina não com o noivo, pois morreu, mas com ele, Bocatorta, no cemiterio, de noite. Cristina desenterrada! Imagino uma coisa fortissima_ Bocatorta sempre latente na mata, *naquela* mata, como o proprio genio da mata, o seu Caliban, a sua alma secreta e *noturna*. Quanta coisa, Rangel!

Mas da ideia á realização o caminho é aspero. Talvez você tirasse do assunto a coisa que imagino. Eu não me atrevo_ porisso reduzi o romance a conto_ um conto que é apenas um frouxo programa de romance.

Toda gente considera o conto um genero leve_ e tomam o leve como sinonimo de facil. Mas note que em

todas as literaturas só emerge do conto um Maupassant para dez romancistas. Mesmo assim, achas que é possível meter Maupassant na plana de Balzac, Dostoievsky e Tolstoi? Não creio. É mister fazer bom e grande e o contista, embora alcance o bom, não pode chegar ao grande. É ourivesaria, não é arquitetura. Cellini fez o Perseu, mas faria o Taj Mahal? O meu *Bocatorta* conto é pobre maquete em gesso dum terrível monumento. Miniatura.

Viver um ano, dois, tres, dentro dum romance, construindo um romance, como Flaubert. Que folego exige! Que saude_ e nós somos uns doentinhos. Mas quanto aos contos que projetamos, absolutamente não penso em desistir; quando mais não seja, ao menos para habituar-me a conduzir uma tarefa do começo ao fim. Que saiam bons ou não, que se publiquem ou não, que amareleçam eternamente ineditos, nada disso importa: o que importa é a satisfação de não havermos procedido como *ratés* que planejam, delinear, começam... e só.

Outra vantagem, e não menos preciosa, é obrigar-nos a esta correspondencia, coisa que me é (e para você também) de muito valor como incentivo, como enchimento de tempo vazio, como ocupação mais nobre do que discutir politica na farmacia ou caçar as moscas do imperador Domiciano.

Para o mês vou passar duas semanas em Taubaté e das notas que lá tenho extrairei os tipos e observações aproveitáveis. Se não presto para desentranhar tipos, tenho em Purezinha uma perfeita mestra na arte. Ainda ontem ela me contava duma familia de gente excessivamente acaipirada, lá numa chacara em Taubaté, na qual só o pai, um velho de posses, tinha desembaraço e coragem de mostrar-se. Quando vinha alguma visita, as moças filhas do homem (solteironas) não apareciam na sala; o pai explicava que elas haviam acabado de sair naquele momento. Mas enquanto o velho conversava, a visita as pressentia (eram tres) a se *revesarem* num velho buraco de fechadura. E Purezinha desenvolve o tema: “O buraco já estava grande, gasto, e cada vez maior; por ele se via um olho inteiro e uma rodela de cara”. E enfeita: “A porta, de casa antiga, era curta, ficava a meio palmo da soleira, e pela fresta viam-se os pés_ seis pés_ pés que mudavam de posição, “sofregos e impacientes os de lado, e *quietos*, sem pressa, os que ficavam na linha vertical do buraco”.

Purezinha começa com base num fato real e insensivelmente vai acrescentando apêndices logicos que o frisam, com uma arte que me dá inveja.

Vou anotar as coisas assim que ela me conta e te mandarei.

Andei metendo o nariz na questão das candidaturas presidenciais, como verás do artigo incluso, da *Tribuna*. Repugna-me esse militarismo que certos jornais do Rio defendem... Mas não falemos nisto.

LOBATO